



BOÉCIO E A CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIRTUDE

Boethius and the consolation of Philosophy: considerations about virtue

Marlo Nascimento*

Resumo: O propósito deste artigo é apresentar algumas características da obra *De Consolatione Philosophiae* de Boécio, estabelecendo uma relação com o contexto no qual o pensador romano viveu e se encontrou, enquanto a escrevia. Dando também atenção para o aspecto da personificação da "Filosofia" interlocutora de Boécio na prisão. Isso, com o intuito central de buscar compreender como o pensador relaciona a questão da virtude com a noção de natureza racional humana, tema que se faz presente no livro I de sua Obra. Por fim, demonstrando que a virtude, na consolação da Filosofia, se configura como sendo o uso pleno da razão humana.

Palavras-chave: Boécio. *De Consolatione Philosophiae*. Natureza Humana. Virtude.

Abstract: This article aims at showing some of the characteristics of the work *De Consolatione Philosophiae* by Boethius, establishing a relationship with the context in which the roman thinker lived and found himself while he was writing. Also placing importance to the aspect of personification of Boethius' interlocutor "Philosophy" while he was in prison. With the main purpose of trying to understand how the thinker relates the questions of virtue to the notion of rational human nature, theme which appears in Boethius' book I. Finally, showing that virtue, in the *Consolation of Philosophy*, is configured as the full use of human reason.

Keywords: Boethius. *De Consolatione Philosophiae*. Human Nature. Virtue.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), bolsista da CAPES – E-mail: marlo_kn@hotmail.com

1. Boécio e a consolação da filosofia

*Anicius Manlius Severinus Boethius*¹, aos 30 anos, iniciou sua carreira política como cônsul e chegou ao seu apogeu no ano de 522 quando foi nomeado por Teodorico, rei dos Ostrogodos, para exercer o importante cargo de *magister officiorum*. A intensa dedicação do autor à vida política, que lhe ocupou muito tempo, não permitiu que seu projeto se concluísse². Tal projeto consistia em comentar e traduzir para o latim as obras de Aristóteles e os diálogos platônicos, tentando demonstrar concordâncias entre os dois pensadores clássicos nos temas fundamentais referentes às suas filosofias.

Compreende-se que o intuito deste projeto era apresentar para o mundo romano a cultura e sabedoria gregas, procurando inserir-se no contexto sistematizador do conhecimento de sua época. Assim, como podemos perceber a relevância de Boécio, na história do pensamento ocidental, se deu também pelas traduções para o latim, de obras de pensadores essenciais à filosofia, dentre os quais: Aristóteles, Porfírio e Cícero. Além das traduções, Boécio escreveu comentários e tratados. Tais produções, juntamente com suas demais obras, exercerão grande influência na filosofia medieval, contribuindo para a riqueza de pensamento de tal período.

Dada a contribuição boeciana para o pensamento medieval, buscaremos debruçar-nos sobre sua obra chamada *A Consolação da Filosofia*³, estudo de extrema importância para que possamos compreender o pensamento boeciano; tal obra foi escrita enquanto Boécio estava na prisão, após sua condenação política no ano de 524, e resulta não só da busca do autor pela justiça, pois o mesmo visava

¹ Importante e influente político nascido em Roma, cuja data do nascimento é imprecisa. Alguns autores indicam os anos entre 470-475 e outros o ano de 480. Filho de uma família nobre, chamada Anicii, convertida à religião cristã e reconhecida, principalmente, pelo respaldo político na cidade de Roma e pela riqueza. Dentro deste contexto, surge Boécio como um famoso político e excelente orador que chegou a ser prefeito de Roma e chefe do Senado.

² “O sucesso de Boécio não é um efeito do acaso. Ele próprio se atribuía esse papel de intermediário entre a filosofia grega e o mundo latino. Sua intenção inicial era traduzir todos os tratados de Aristóteles, todos os diálogos de Platão e demonstrar por comentários a concordância fundamental entre as duas doutrinas. Boécio ficou longe de ter realizado esse imenso projeto, mas devemos-lhe um conjunto de ideias bastante uniforme e rico para que o essencial da mensagem que ele propunha tenha chegado ao destino”. GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 161.

³ O conteúdo do *De Consolatione Philosophiae* está disposto em cinco livros os quais são compostos por versos e prosas que se apresentam de forma intercalada no decorrer da obra. No primeiro livro Boécio apresenta sua condição de profunda tristeza e indignação com o infortúnio que lhe abate por encontrar-se na prisão; e é neste momento que ele recebe a visita de sua musa consoladora, a Filosofia, que ao se personificar busca, através do diálogo, mostrar ao prisioneiro o que o mesmo parece ter esquecido: qual é a natureza humana e qual o verdadeiro fim dos homens. No segundo livro, a Filosofia visa demonstrar a Boécio qual é a verdadeira natureza da Fortuna. No terceiro livro temos que todos os homens buscam naturalmente a Felicidade. Assim, inicia-se este livro com a apresentação dos bens da Fortuna com o intuito de demonstrar porque estes não podem dar ao homem a verdadeira felicidade tão almejada. Aponta como conclusão que a verdadeira felicidade encontra-se no sumo bem que é Uno: Deus. No quarto livro é tratada a questão do mal no mundo e apresenta-se a distinção entre Providência e destino. No quinto e último livro discorre-se sobre o problema, aparentemente, incompatível que surge da discussão da onisciência divina e da liberdade humana.

proteger os socialmente fragilizados, mas também de sua posição frente aos problemas de corrupção, fazendo com que este criasse grandes inimizades entre as lideranças políticas de sua época.

Talvez o que de fato tenha arruinado a vida política de Boécio tenha sido a defesa do senador Albino, por ele realizada. A questão é que Albino havia sido acusado de estabelecer correspondências com algumas pessoas próximas de Justino, Imperador de Constantinopla, traindo, assim, Teodorico. Pelo fato de Boécio ter sido um dos *magister officiorum* requisitados para a apreciação do caso do senador acusado, acabou por defendê-lo e, conseqüentemente, sendo acusado. Assim, dentro desse contexto de acusações e inimizades, o autor foi condenado à morte e ao confisco de todos os seus bens. Privado do direito de apresentar sua defesa, Boécio acabou sendo executado no ano de 524(5). Fica claro, desta maneira, que a trajetória deste pensador, como aponta Rodríguez⁴, é fruto de uma situação pessoal de Boécio, que se converte em forma de parábola da condição terrena do homem. Boécio cai das alturas de seu cargo político na corte, perde a posse de seus bens, sua fama e, sobretudo, sua liberdade, pois encontra-se preso. É a imagem de um espírito caído, despojado de sua dignidade e de seus próprios bens, prisioneiro do cárcere do corpo⁵ e de suas inclinações sufocantes.

A reclusão de Boécio foi de extrema fecundidade intelectual, pois, nesta ocasião, ele compilou uma de suas principais obras, *De Consolatione Philosophiae*, na qual ele narra:

[...] a história da consolação que lhe foi proporcionada, no cárcere, pela filosofia. Tal Consolação resulta de um itinerário, a um só tempo, doloroso e libertador, começando pelo despertar da letargia que o fazia esquecer-se da verdade mais profunda sobre si mesmo e permitia se instalasse, em seu interior, certa confusão causada por vários enganos que o levavam a desesperar-se com a perda dos bens de sua vida anterior à prisão⁶.

Desta maneira, entre prosas e versos, a obra de Boécio vem a ser um convite para que todos possam se aproximar da filosofia, a qual é a única capaz de libertar o prisioneiro, fazendo-o reconhecer o verdadeiro fim do ser humano. Através da reflexão, o prisioneiro é levado a compreender o valor da condução da vida prática, indo ao encontro da compreensão do que seja a verdadeira felicidade humana,

⁴ “En La consolação de la Filosofía, la situación personal de Boecio se convierte en la parábola de la condición terrena del hombre. Boecio caído de las alturas de su cargo político en la corte, y desposeído de sus bienes, de su fama y, sobre todo, de su libertad, está preso y postrado en una mazmorra lúgubre y oscura. Es la imagen viva del espíritu caído, desposeído de su dignidad y de sus propios bienes, prisionero en la cárcel del cuerpo y de sus inclinaciones sofocantes”. Cf. RODRÍGUEZ, J. A. “La Antropología de Boécio”. In: *La ciudad de Dios – Revista agustiniana*, vol. CCVIII. El Escorial: Real Monasterio, 1995, p. 225-263.

⁵ Corpo entendido como uma prisão do espírito, uma prisão as coisas terrenas. “El cuerpo, com sus inclinaciones terrenas constituye una pesada carga que encorva al espíritu y le obliga a mirar hacia abajo impidiéndole volar a las alturas de donde procede”. Cf. RODRÍGUEZ, J. A. “La Antropología de Boécio”. In: *La ciudad de Dios – Revista agustiniana*, vol. CCVIII. El Escorial: Real Monasterio, 1995, p. 225-263.

⁶ SAVIAN FILHO, J. Boécio e a ética eudaimonista. In: *Cadernos de ética e Filosofia política 7*. São Paulo: Produção USP, 2005, p. 109.

questão esta que também tem destaque em sua obra. O que leva Boécio a escrever uma consolação foi “buscar na sabedoria um remédio contra a adversidade”⁷, em que estava inserido.

2. Boécio, o prisioneiro, e a personificação da Filosofia

Para que possamos compreender melhor o intuito de Boécio no DCP⁸, faz-se necessário apresentar a circunstância na qual Boécio se encontrava e a forma na qual a Filosofia se personifica estabelecendo, dessa forma, uma relação de interlocução com o prisioneiro (Boécio).

A narrativa do DCP acontece no contexto em que Severino Boécio se encontra preso, desamparado, triste e lacrimoso, quando recebeu a visita (conforme expressa Boécio), de uma mulher, segundo Piñan⁹, “que aparece a Boécio na forma de dama com porte majestoso, e lhe faz ver que todo seu mal consiste em haver esquecido qual é o verdadeiro fim do homem”. Boécio (DCP I, 1) faz uma descrição detalhada da aparência desta “mulher”¹⁰ que, ao chegar, expulsa as musas da poesia que o acompanhavam no cárcere. Segundo ela, estas musas, além de não conseguirem ajudar a remediar a situação do prisioneiro, poderiam até prejudicá-lo ainda mais. Ao lançar seu olhar sobre essas musas da poesia, dirige-lhes estas palavras: “Quem permitiu a essas impuras amantes do teatro, aproximarem-se do doente? Elas não só não podem remediar a sua dor como vão ainda acrescentar-lhe doces venenos”¹¹. Essas musas, além de não fazerem com que o prisioneiro recupere a acuidade da razão, conduzem-lhe a um estado de permanente amarra às paixões, não deixando a alma humana sossegada.

Esta “mulher” diante de Boécio o interpela, indagando se ele a conhecia. Boécio, silencioso e abatido, não responde. Ela, ternamente, coloca a mão sobre seu peito, dizendo:

Não temas nada, é apenas uma letargia, doença comum aos espíritos logrados. Ele se esqueceu por um momento de si mesmo, facilmente recobrará a razão, no entanto

⁷ GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 159.

⁸ Sempre que usarmos a sigla DCP estamos nos referindo a obra *De Consolatione Philosophiae*.

⁹ “(...) que se le aparece em forma de dama de porte majestuoso, le hace ver ante todo que su mal consiste em haber olvidado cuál es el verdadero fin del hombre”. PIÑAN, Alonso Castaño. Prologo. In: BOÉCIO. *La Consolacion de la Filosofia*. Buenos Aires: Aguilar, 1973, p.19.

¹⁰ Segundo Savian, “A imponência dessa mulher simbolizava a tradição filosófica greco-romana, incluindo os autores bizantinos antigos, bem conhecidos por Boécio”. SAVIAN FILHO, J. A busca de unidade interior. In: *Revista Cult*: Edição 143. São Paulo, 2010, p. 52.

¹¹ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 5. Neste artigo quando citada obra “*A Consolação da Filosofia*” de Boécio no corpo do texto a apresentaremos em língua portuguesa; concomitantemente em nota será disponibilizada a versão original em latim (BOEZIO. *La consolazione della filosofia*. Versão bilíngue latim-italiano. A cura di Claudio Moreschini. Torino: UTET libreria, 2006). DCP, I, prosa 1. “Quis, inquit, has scenicas meretriculas ad hunc aegrum permisit accedere, quae dolores eius non modo nullis remediis fouerent, uerum dulcibus insuper alerent uenenis?”

somente se recordar quem eu sou, ajudemo-lo. Começemos por abrir seus olhos, quem se cegaram pelas coisas humanas¹².

Esta “mulher” parece aqui diagnosticar o problema central vivido pelo pensador romano, que é justamente a perda da razão, deixando-se envolver pela cegueira que as coisas humanas acabaram-lhe conduzindo. Após dirigir estas palavras, esta mulher de belo porte enxuga as lágrimas dos olhos de Boécio com suas vestes e neste instante “se dissiparam as trevas noturnas, e (...) foi dada a capacidade de discernir novamente a luz”¹³. Neste instante, Boécio parece conseguir discernir quem é aquela “mulher” que lhe dirige aquelas palavras. Conforme, o sábio romano nos diz: “mal dirigi o olhar a ela, reconheci minha antiga nutriz, que desde a adolescência frequentava a minha mente: era a Filosofia”¹⁴. Temos aqui o relato do reconhecimento de Boécio da personificação da Filosofia¹⁵. Conforme Marenbon¹⁶, o DCP não é certamente a primeira obra filosófica na qual a Filosofia personifica-se como uma dama. Esta ideia já fora sugerida por filósofos anteriores tais como: Platão, Cícero e Sêneca.

Boécio parece ser surpreendido pela presença da Filosofia, naquele ambiente de reclusão em que se encontrava e a interpela qual é a causa de sua aparição. A Filosofia, musa consoladora, aparece-lhe demonstrando ser um apoio robusto diante da situação de angústia na qual seu discípulo se encontrava. E ela lhe diz: “Haveria eu de abandonar meu discípulo e não tomar também o fardo que suportas e calúnia que te impuseram? Mas à Filosofia não é lícito deixar caminhando sozinho um discípulo seu”¹⁷. A Filosofia lança estas palavras de conforto a Boécio, fazendo lembrar que ela nunca se esquece de seus discípulos, ressaltando que muitos dos seus já passaram por situações semelhantes a do sábio romano, ou

¹² BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 7. DCP, I, prosa 2. “Nihil, inquit, pericli est, lethargum patitur, communem illusarum mentium morbum. Sui paulisper oblitus est. Recordabitur facile, si quidem nos ante cognoverit; quod ut possit, paulisper lumina eius mortalium rerum nube caligantia tergamus”.

¹³ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 7. DCP I, verso 3. “Tunc me discussa liquerunt nocte tenebrae luminibusque prior rediit vigor”.

¹⁴ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 8. DCP I, prosa 3. “Itaque ubi in eam deduxi oculos intuitumque defixi, respicio nutricem meam, cuius ab adulescentia laribus obversatus fueram, Philosophiam”.

¹⁵ “Em várias fachadas de catedrais românicas e góticas da Idade Média, ainda hoje, pode ser admirada a imagem alegórica da Filosofia descrita por Boécio na sua ‘Consolatio’. Uma Senhora de aspecto venerável, de olhar vivo e penetrante, feições claras e vivas que expressam um vigor inesgotável... vestes finas e artíficas, feitas de um tecido imperecível, que ela mesma tecera com suas próprias mãos... na orla inferior lê-se a letra grega Pi (π) e na superior a letra Theta (θ) (filosofia teórica e prática)... no entanto a veste está rasgada por mãos violentas, cada qual arrancando um pedaço. Mas sua mão direita, traz alguns livros e na esquerda segura um cetro (cf. I.2)”. PECORARI, F. A consolação da filosofia de Boécio: outra face da Idade Média? In: COSTA, M. R. N. e DE BONI, L. A. (Orgs.). *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 53-65.

¹⁶ “The Consolation is certainly not the first work where philosophy is personified as a beautiful lady: the idea was suggested by Plato himself and occurs often in, among others, Cicero and Seneca”. MARENBNON, J.. *Boethius* (Great medieval thinkers). Oxford University Press, Oxford, 2003, p. 153.

¹⁷ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 8. DCP I, prosa 3, 4-5. “An, inquit illa, te, alumne, desererem nec sarcinam quam mei nominis inuidia sustulisti communicato te cum labore partirer? Atqui Philosophiae fas non erat incomitatum relinquere iter innocentis.”

seja, tantos outros filósofos já haviam se deparado com situações de injustiça cometida pelos homens, porém, mesmo desta forma, mantiveram uma posição digna de filósofos. Nas palavras da própria Filosofia:

Pois, se nem do exílio de Anaxágoras, do veneno dado a Sócrates ou dos tormentos de Zenão ouviste falar, pelo menos de Cânio, Sêneca e Sorano, cuja fama não é por demais antiga, e da qual ainda se conserva a memória, podes facilmente estudar a doutrina. O que os levou a serem malvistas foi que, *imbuídos de meus princípios morais*¹⁸, eles eram totalmente distintos da turba¹⁹.

Dessa forma, a musa consoladora demonstra ao prisioneiro que ele pertence a um grupo de homens capazes de compreender as adversidades da vida sob um outro enfoque, considerando que os mesmos possuem uma diferenciação de ordem moral, certamente incutida pela própria Filosofia. Ressaltando que os homens que se deixam conduzir pelos caprichos da Fortuna não possuem algo maior que os possa guiar e permanecem na ignorância. Não se reconhecem como seres que regem suas vidas por princípios morais provenientes da mestra e guia: a Filosofia.

Em um momento de alento, a Filosofia profere:

“Todo o que é sereno e tem vida regrada,
Que calca os pés o Destino
E que vê retamente os dois lados da Fortuna
Pode ter o vulto da Imperturbável”²⁰.

A Filosofia segue sua admoestação, alertando que, mesmo o prisioneiro, se encontrando num momento de profunda turbulência, deve se manter calmo e sereno. Simplesmente, entender estas coisas não é suficiente, é preciso colocá-las no coração, ou seja, colocá-las em prática.

3. A virtude e a natureza racional do homem

Apesar do DCP não ser uma obra que versa essencialmente sobre a questão da virtude, mesmo assim é possível apontar alguns elementos sobre o tema que a obra apresenta. O objetivo primeiro deste é demonstrar que existe uma relação entre a vida virtuosa e a natureza racional do ser humano, ou seja, é a natureza racional do homem que o possibilita uma vida virtuosa.

¹⁸ *Grifos nossos.*

¹⁹ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 9. DCP I prosa 3, 9-10. “Quodsi nec Anaxagorae fugam nec Socratis venenum nec Zenonis tormenta, quoniam sunt peregrina, novisti, at Canios, at Senecas, at Soranos, quorum nec pervetusta nec incelebris memoria est, scire potuisti. Quos nihil aliud in cladem detraxit nisi quod nostris moribus instituti studiis improborum dissimillimi videbantur”.

²⁰ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 9. DCP, I, canto 4. “Quisquis composito serenae aevi fatum sub pedibus egit seperbum fortunamque tuens utramque rectus invictum potuit tenere vultum.”

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.1	Julho 2016	p.68-81
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	---------

Apresentaremos como a Filosofia, interlocutora de Boécio, estabelece um diálogo com o prisioneiro na intenção de conduzi-lo à compreensão de algumas coisas que o mesmo parece ter se esquecido, como, por exemplo, qual é a natureza humana e como essa natureza está em profunda relação com o tema da virtude.

No livro I do DCP, a Filosofia, mostrando-se como médica²¹, solicita que Boécio exponha, ou melhor, demonstre a ela qual é a real causa de sua “doença”, a fim de que ela possa em seguida ministrar os medicamentos necessários para a cura da enfermidade de seu discípulo. O prisioneiro demonstra-se um tanto abatido e desesperançoso, porém, recuperando um pouco o ânimo, inquieto, parece não aceitar aquele contexto de injustiça que lhe assolava e dirige alguns questionamentos à Filosofia, demonstrando seu estado de descontentamento:

Por acaso é necessário que venhas com tuas admoestações contemplar a crueldade com que a Fortuna me tratou? Por acaso não vês aqui a biblioteca que me deste tu mesma para que fosse uma prova certíssima de tua sabedoria? Nela muitas vezes, junto a mim, discorrias sobre a ciência das coisas humanas e divinas. Tinha eu as mesmas feições e a mesma expressão quando desdenhava contigo os segredos da Natureza, quando tu me traçavas o curso dos astros, e dirigias minha conduta e todos os meus princípios de vida segundo a órbita dos astros? *É essa a recompensa que tenho por ter aderido a ti*²²? E no entanto foste tu que ditaste pela voz de Platão que seriam felizes os estados governados pelos sábios ou que se consagrassem a sabedoria. Tu pela boca do mesmo filósofo, me persuadiste de que os sábios deveriam governar os estados, para impedir que o governo caísse nas mãos de pessoas sem escrúpulos e sem palavra, e fosse uma praga para os bons. Então eu, inflamado por essa supremacia e com os ensinamentos que foram dados no início e longe da multidão, decidi aplicá-los na vida política²³.

²¹ “En el libro I de la Consolatio, la Filosofia, actuando, a modo de médico que indaga la causa del mal de su enfermo” RODRÍGUEZ, J. A. “La Antropología de Boécio”. In: La ciudad de Dios (revista agustiniana) vol. CCVIII. El Escorial: Real Monasterio, 1995, p. 225-263. Cabe ressaltar que, segundo Courcelle, a Filosofia apresenta-se a Boécio como a própria razão humana que vem para conduzi-lo a um movimento que vai da filosofia prática a contemplação (num movimento ascético). “Questo personaggio alegorico rapresenta in realtà la ragione umana, capace di condurre, per gradi, dalla filosofia pratica, política (ella porta, difatti, uno scettro), alla contemplazione (così, con la sinistra ella regge libri, che simboleggiano il contenuto del suo messaggio sull’aldilà.)” COURCELLE, P.. Boezio. In: Dizionario biografico degli italiani. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, vol. XI, 1969, pp. 142-165.

²² *Grifos nossos*. Apenas para salientar o direto descontentamento que Boécio apresenta com musa consoladora.

²³ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 10-11. DCP I, prosa 4. “Anne adhuc eget ammonitione nec per se satis eminent fortunae in nos saevientis asperitas? Nihilne te ipsa loci facies movet? Haecine est bibliotheca, quam certissimam tibi sedem nostris in laribus ipsa delegeras, in qua me cum saepe de humanarum divinarumque rerum scientia disserebas? Talis habitus talisque vultus erat, cum te cum naturae secreta rimarer, cum mihi siderum vias radio describeres, cum mores nostros totiusque vitae rationem ad caelestis ordinis exempla formares? Haecine praemia referimus tibi obsequentes? Atqui tu hanc sententiam Platonis ore sanxisti beatas fore res publicas si eas vel studiosi sapientiae regerent vel earum rectores studere sapientiae contigisset. Tu eiusdem viri ore hanc sapientibus capessendae rei publicae necessariam causam esse monuisti, ne improbis flagitiosisque civibus urbium relicta gubernacula pestem bonis ac perniciem ferrent. Hanc igitur auctoritatem secutus quod a te inter secreta otia didiceram transferre in actum publicae amministrationis optavi”.

Boécio, aqui, faz uma cobrança dura à sua musa consoladora, apresentando de certa forma sua indignação pela aparente contradição²⁴ à qual a Filosofia o havia conduzido. Cabe ressaltar, que Boécio reconhecia a Filosofia como mestra de todas as virtudes. O autor segue então, enfaticamente, expondo que em sua vida buscou pôr em prática a virtude da Sabedoria tão conhecida na obra de Platão. Sabedoria esta que consiste em preferir a justiça e não a injustiça na vida política, ou seja, “buscando agir de acordo com os princípios apreendidos com sua musa inspiradora, tal qual Sócrates. Tinha a consciência tranquila quanto às suas ações”²⁵. Boécio mostra como, de fato, buscou na filosofia, através das obras dos filósofos, princípios que pudessem guiar sua vida. Em função disso, o mesmo parece acreditar que por deixar-se guiar por estes ensinamentos ou princípios provenientes da filosofia, acabou por sofrer uma punição, com a qual não concordava. Demonstrando, assim, grande insatisfação por não encontrar recompensa alguma ao deixar-se conduzir pelos ensinamentos filosóficos. Ensinamentos estes ditados pela Filosofia através da boca de Platão, como o próprio Boécio ressalta.

Num contínuo momento de desabafo, Boécio exemplifica à Filosofia vários de seus atos como homem público nos quais buscava aplicar a justiça no cotidiano, mostrando-se não ser conivente com ações injustas. Chegando a afirmar: “Nunca alguém me fez preferir a injustiça à justiça”²⁶.

O prisioneiro apresenta-se como alguém que se defende das acusações de “tentar esconder documentos do Senado que continham acusações de lesa-majestade”²⁷. Defende-se por acreditar não ter agido de forma contrária às virtudes que havia apreendido com os ensinamentos da Filosofia. De tal maneira, permanece firme ao afirmar que tal acusação não é verdadeira e assim como o próprio exemplo socrático, mantém-se confiante na verdade, pois é ela que contém o real mérito das coisas. Ressalta que “é verdade que a ignorância não pode mudar o mérito das coisas e não penso ser possível, tal como diz o preceito socrático, esconder a verdade e recorrer ao engano”²⁸. Assim, o pensador romano apresenta-se numa situação que faz lembrar a condenação socrática, na qual fora condenado injustamente. Porém, Boécio não se furta em defender-se por acreditar que essa autodefesa possa representar uma forma de testemunho da verdade no intento de que esta verdade não resulte no esquecimento eterno da situação ocorrida, mas fique registrada para toda a posteridade no próprio DCP.

²⁴ Digo “contradição” pelo fato de que Boécio colocando-se como homem justo e que possuía uma vida pautada pelos ensinamentos da Filosofia sofria injustamente. Enquanto muitos de seus acusadores que segundo Boécio eram homens injustos continuavam a desfrutar das benesses da liberdade e de seus bens.

²⁵ COELHO, C. D. A Filosofia como modo de vida: Boécio e seu *De Consolatione Philosophiae*. 1 ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2011, p. 50.

²⁶ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 11. DCP I, prosa 4. “Numquam me ab iure quis ad iniuriam quicquam detraxit”.

²⁷ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 12. DCP I, prosa 4. “Delatorem, ne documenta deferret quibus senatum maiestatis reum faceret, impedisse criminamur”.

²⁸ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 13. DCP I, prosa 4. “Sed sibi semper mentiens imprudentia rerum merita non potest immutare nec mihi Socratico decreto fas esse arbitror vel occuluisse veritatem uel concessisse mendacium”.

Boécio, após apresentar suas considerações acerca de sua injusta condenação, dirige a palavra à Filosofia reconhecendo-a como “a Sabedoria” e lhe diz:

Tu bem compreendes, ó Sabedoria, que digo a verdade e não tenho por hábito jactar-me na frente dos outros. Com efeito, uma consciência, quando se vangloria muito de si mesma, diminui cada vez mais o seu mérito e recebe em troca só o prêmio da fama. Mas viste para onde levou a minha inocência? Em lugar de receber os verdadeiros prêmios da justiça, sofremos o castigo por um crime não cometido²⁹.

Na intenção de reforçar qual foi sua postura como homem público, Boécio diz não ter o hábito de se vangloriar diante dos outros, a fim de receber o prêmio da fama. Assim, demonstra-se inconformado com a situação, pois diante de tantos atos virtuosos que realizou durante sua vida, agora é levado a receber como prêmio disso tudo, um castigo por um crime que não cometeu. Segundo o pensador romano “os homens não julgam o mérito de tantas ações passadas, mas os caprichos da Fortuna e acreditam que esse é o desejo natural”³⁰.

Diante de todas as lamúrias e indignações apresentadas por Boécio, ele acaba por dirigir-se ao regente do Universo, solicitando, quase que, em forma de apelo ou prece, para que o Governante do Universo aplique, ou melhor, estabeleça sobre a terra, as mesmas leis estáveis que regem os céus. Isso demonstra como Boécio estava descrente no poder da justiça no mundo.

Lança teu olhar sobre esta podre terra, Tu, que entrelaças as regras do universo: Nós, os homens, que somos parte não desprezível de tua grande obra, fomos vítimas dos caprichos da Fortuna. Governa e detém teu rápido estridor, e do mesmo modo com que reges o imenso céu, firma estatutos estáveis sobre a terra³¹.

Boécio, por meio desta passagem, parece reconhecer que Deus, ou melhor, uma razão divina, governa o mundo. Consequentemente, o mundo não é lançado a um governo do acaso. Isso significa que existe uma razão divina, que estabelece uma ordem no Universo.

Após o prisioneiro ter exposto toda sua inquietação e descontentamento com mundo e com sua situação, a Filosofia o lembra que sua situação não é de expulsão de sua Pátria, mas sim de desvio desta, causada principalmente, porque ele sucumbiu à própria ignorância. Portanto, se faz necessário uma volta à

²⁹ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 14. DCP I, prosa 4. “Scis me haec et vera proferre et in nulla umquam mei laude iactasse; minuit enim quodam modo se probantis conscientiae secretum, quotiens ostentando quis factum recipit famae pretium. Sed innocentiam nostram quis exceperit eventus vides; pro verae virtutis praemiis falsi sceleris poenas subimus”.

³⁰ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 15. DCP I, prosa 4. “...quod existimatio plurimorum non rerum merita, sed fortunae spectat eventum eaque tantum iudicat esse provisum”.

³¹ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 17. DCP I, verso 5. “O iam miseris respice terras, quisquis rerum foedera nectis! Operis tanti pars non vilis homines quatum fortunae salo. Rapidos, rector, comprime fluctus et, quo caelum regis immemsum, firma stabiles foedere terras”.

sua Pátria e esse será o grande propósito da Filosofia: ser a guia, ou seja, ser alguém que indica o caminho que conduzirá Boécio à verdadeira Pátria, pois o mesmo, no percurso de sua vida, parece ter-se desviado.

A Filosofia, mestra das virtudes, visa construir com Boécio um caminho que o conduza ao reconhecimento de sua verdadeira natureza e também permita mostrar como tal natureza está em conformidade com a virtude. A Filosofia pacienciosa, depois de ter ouvido todos os sofrimentos, as dores, sentimentos de cólera expressos pelo pensador romano, reconhece que o estado no qual o prisioneiro se encontra, não a permite aplicar medicamentos mais substanciosos, sugerindo iniciar com remédios mais brandos, a serem paulatinamente ministrados.

Com o objetivo de estabelecer um diagnóstico mais preciso sobre a “doença” de seu discípulo, no DCP I, prosa 6, a Filosofia resolve fazer várias perguntas ao pensador romano, e este se mostra solícito em respondê-las. A Filosofia, ao fazer o prisioneiro recordar algumas questões, busca compreender qual a sua real situação, a fim de saber quais medicamentos devem ser ministrados, para conduzi-lo novamente ao caminho, já antes ensinado por sua mestra.

Nesta *passagem final do livro I do DCP, prosa 6*³², Boécio, ao ser perguntado pela Filosofia se o mesmo pensa que este mundo é regido por fatos acidentais e governado pela Fortuna ou se este mundo é governado por uma razão, responde que crê ser impossível este mundo ser governado pelo acaso e reconhece que o mundo é governado por uma inteligência divina, o que para a Filosofia, este reconhecimento já é um grande avanço³³. Porém, não basta saber somente isso, é preciso ir além no diagnóstico, segundo a sua interlocutora, que continua lhe fazendo perguntas, como: qual é a finalidade do universo e para onde tende a Natureza? Perguntas estas, que Boécio não consegue responder, justamente, por estar embriagado pelas paixões e misérias humanas, o que resulta em um estado de perturbação,

³² Segundo Macmahon, nesta passagem do DCP a Filosofia aponta as três causas da doença do prisioneiro, estas que aparecem em ordem crescente de gravidade. “Philosophy diagnoses three causes of the prisoner’s disease, in increasing order of gravity. First, although the prisoner believes that God governs the world, he does not know by what means (quibus gubernaculis). Indeed, he barely understands what Philosophy means by quibus gubernaculis (I, 6, 3 8). Second, although he knows that God is the Origin (principium) of all things, he does not know their end or goal (finis). Once he knew, but grief has dulled his memory (I, 6, 10–12). At this point, Philosophy is puzzled: these two forms of ignorance have the power “to dislocate a human being, but not to uproot him wholly from himself” (I, 6, 13), and the prisoner is indeed uprooted. But the cause soon comes to light: the prisoner affirms himself to be “a rational and mortal animal” (I, 6, 14–16, my emphasis). Philosophy now understands “the greatest cause” of his disease: he has ceased to know himself (I, 6, 17). He has forgotten that his mindmens, the highest part of the soul—is immortal. His condition is indeed grave. His ignorance of the means by which God governs the world and of the end of all things is capped by his self-ignorance of his immortality, “great causes not only of disease but even of death” (I, 6, 19)”. In: MCMAHON, Robert. *Understanding the Medieval Meditative Ascent* Augustine, Anselm, Boethius and Dante. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 2006, p. 237-238.

³³ DCP I, prosa 6. “Tum illa: huncine, inquit, mundum temerariis agi fortuitisque casibus putas na ullum credis ei regimen inesse rationis? — Atqui, inquam, nullo existimauerim modo ut fortuita temeritate tam certa moveantur, verum operi suo conditorem praesidere deum scio nec umquam fuerit dies qui me ab hac sententiae veritate depellat. — Ita est, inquit nam id etiam paulo ante cecinisti hominesque tantum diuinae exsortes curae esse deplorasti; nam de ceteris quin ratione regerentur nihil movebare. Papae autem, uehementer ammiror cur in tam salubri sententia locatus aegrotas”.

fazendo-o não entender qual é a real ordem das coisas. Porém, ao ser interpelado se sabe de onde as coisas se originam, ou seja, de onde provêm todas as coisas, Boécio responde que sim. Provêm de Deus. Então, a Filosofia questiona como o prisioneiro consegue reconhecer o princípio e ignorar o fim de tudo³⁴. É importante salientar que, apesar do prisioneiro encontrar-se num estado de abalo de sua consciência, ele ainda consegue discernir corretamente algumas coisas. Isso demonstra que ele não foi expulso de sua Pátria, mas que havia se desviado dela por questões circunstanciais.

Quanto ao que tange a questão da natureza humana, a Filosofia o interpela questionando se o mesmo sabe afinal o que é um homem e como resposta Boécio diz reconhecer-se como tal. Porém, não consegue reconhecer o que é o homem em sua completude, limitando-se a entendê-lo como alguém somente dotado de razão e mortal. Entretanto, o homem é muito mais do que isso, ou seja, é um ser que possui uma alma imortal. Segundo a Filosofia, é pelo fato do pensador romano compreender o homem de forma limitada e não reconhecer qual é o verdadeiro fim³⁵ de todas as coisas, que o mesmo apresenta-se queixoso, por ter seus bens confiscados e ter sido condenado ao exílio. Salienta ainda, a sua musa consoladora, que sua chance de cura, para este estado de letargia, encontra-se em acreditar que existe uma razão divina que governa o mundo³⁶.

Desta maneira, a Filosofia, ao diagnosticar e deparar-se com a doença de seu discípulo, busca apresentar-lhe, gradualmente, os vários medicamentos necessários, que façam o prisioneiro recuperar seu estado. Assim, a Filosofia reconhece o estado perigoso em que se encontrava Boécio, e busca conduzi-lo a

³⁴DCP I, prosa 6. “Uerum altius perscrutemur; nescio quid abesse coniecto. Sed dic mihi, quoniam deo mundum regi non ambigis, quibus etiam gubernaculis regatur aduertis? — Uix, inquam, rogationis tuae sententiam nosco, nedum ad inquisita respondere queam. — Num me, inquit, fefellit abesse aliquid, per quod uelut hiant ualli robore in animum tuum perturbationum morbus inreperit? Sed dic mihi, meministine quis sit rerum finis quoue totius naturae tendat intentio? — Audieram, inquam, sed memoriam maeror hebetauit. — Atqui scis unde cuncta processerint. — Noui, inquam, deumque esse respondi. — Et qui fieri potest ut principio cognito quis sit rerum finis ignores? Uerum hi perturbationum mores, ea ualentia est, ut mouere quidem loco hominem possint, conuellere autem sibique totum exstirpare non possint?”

³⁵ “El contexto aclara que es imposible saber lo que es el hombre si se ignora el fin de las cosas y, por consiguiente – y sobre todo – el fin del hombre. Si se ignora el verdadero fin del hombre, es que el conocimiento de su verdadero ser está oscurecido”. RODRÍGUEZ, J. A. “La Antropología de Boécio”. In: La ciudad de Dios (revista agustiniana) vol. CCVIII. El Escorial: Real Monasterio, 1995, p. 225-263.

³⁶ DCP I, prosa 6. “Sed hoc quoque respondeas uelim: hominemne te esse meministi? — Quidni, inquam, meminim? — Quid igitur homo sit poterisne proferre? — Hocine interrogas, an esse me sciam rationale animal atque mortale? Scio, et id me esse confiteor. — Et illa: nihilne aliud te esse nouisti? — Nihil. — Iam scio, inquit, morbi tui aliam uel maximam causam; quid ipse sis nosse desisti. Quare plenissime uel aegritudinis tuae rationem uel aditum reconciliandae sospitatis inueni. Nam quoniam tui obliuione confunderis et exsulem te et exspoliatum propriis bonis esse doluisti; quoniam uero quis sit rerum finis ignoras, nequam homines atque nefarios potentes felicesque arbitraris; quoniam uero quibus gubernaculis mundus regatur oblitus es, has fortunarum uices aestimas sine rectore fluitare: magnae non ad morbum modo, uerum ad interitum quoque causae. Sed sospitatis auctori grates quod te nondum totum natura destituit. Habemus maximum tuae fomitem salutis ueram de mundi gubernatione sententiam, quod eam non casuum temeritati sed diuinae rationi subditam credis?”

meios, nos quais, possa curá-lo. É importante salientar que a personagem Filosofia, ao colocar-se como médica e fazer uso de metáforas médicas, está resgatando o pensamento estóico³⁷.

Como já frisado, anteriormente, uma das grandes chances que pode fazer o prisioneiro melhorar é justamente sua crença de que “o mundo não é governado pelo acaso, mas sim, por uma razão superior”³⁸. O papel da Filosofia, neste caso, será de fazer com que Boécio deixe-se “conduzir pela sabedoria divina e obedecer à sua justiça, sem hesitar em seu coração: aí está o verdadeiro consolo”³⁹.

Compreender que o mundo é governado por uma razão divina e que o homem possui uma natureza racional, a qual deve guiar as ações humanas, justifica que a virtude da sabedoria é exatamente isso: viver em conformidade com sua própria natureza. Natureza esta que não deve se deixar abalar pelas turbulentas paixões humanas, pois elas impedem a progressão da virtude. Assim, a virtude da sabedoria consiste em não se deixar ludibriar pelos impulsos excessivos e sim, deixar-se conduzir pela racionalidade que é própria do ser humano. Conforme aponta a Filosofia: “A Sabedoria consiste em avaliar a finalidade de todas as coisas”⁴⁰. Logo, para saber avaliar corretamente qual é o fim de todas as coisas, faz-se necessário reconhecer-se como um ser racional e fazer uso dessa natureza. Desta forma, podemos compreender que a noção de virtude no sistema boeciano aproxima-se muito da concepção estóica⁴¹. Concepção esta que entende o homem como um ser naturalmente racional e pertencente a um ordenamento cósmico. Assim, destacando que o fim último do ser humano é viver segundo aquilo que é, ou seja, viver segundo sua natureza e, conseqüentemente, sua natureza racional implica em viver em acordo com a virtude. Nos estóicos, o conceito que resume toda teoria da virtude, é o ideal de sábio, que é o que possui todas as virtudes e age sempre retamente⁴², ou seja, age sempre em conformidade com a razão.

Assim, podemos dizer que a boa notícia do livro I do “*De Consolatione Philosophiae* é a confiança na racionalidade, sentimento esse que leva a pessoa humana a não temer nenhum tipo de percalço”⁴³. No que diz respeito à virtude, temos que o Sábio não deve deixar perturbar seu espírito diante das situações adversas do cotidiano e é capaz de, fazendo o uso de sua natureza racional, ser um exemplo

³⁷ Ver em: O’DALY, G. *The Poetry of Boethius: Studies in the Consolation of Philosophy*. London: The University of North Carolina Press, 1991, p. 23.

³⁸ COELHO, C. D. *A Filosofia como modo de vida: Boécio e seu De Consolatione Philosophiae*. 1 ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2011, p. 51.

³⁹ COELHO, C. D. *A Filosofia como modo de vida: Boécio e seu De Consolatione Philosophiae*. 1 ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2011, p. 51.

⁴⁰ BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 26. DCP II, prosa 1. “...rerum exitus prudentia metitur”.

⁴¹ INWOOD, B. *Stoicism*. In: FURLEY, D. (Org.), *Routledge History of Philosophy* (vol. 2: From Aristotle to Augustine). London and New York: Routledge, pp. 222-252, 1999.

⁴² Ver em: HIRSCHBERGER, J. *Historia de la Filosofía*. Antigüedad, Edad Media, Renacimiento (Tomo I). 15 ed. Barcelona: herder, 1994, p. 243-235.

⁴³ RODRIGUES, R. A.. Severino Boécio e a invenção filosófica da dignidade humana. In: *Revista seara Filosófica* (Online), v. 5, p. 3-20, 2012, p.8.

de virtude diante das situações de injustiças do mundo. “Assim, as torturas que o tirano considerasse instrumentos de crueldade e pavor tornar-se-iam para o sábio uma oportunidade de mostrar sua virtude”⁴⁴. Desta forma, temos que, para o homem sábio as situações de adversidade da vida, servem como estímulo, para que a virtude apareça. Contudo, é possível afirmar que no DCP o conduzir-se pela via da virtude, significa fazer uso pleno da natureza racional do homem que, conseqüentemente, o torna conhecedor de seu fim último.

Sendo assim, as circunstâncias que promovam a injustiça e o medo que, normalmente, podem tirar a tranquilidade do homem, para o sábio é diferente, pois é justamente nestas situações, que a virtude da sabedoria deve ganhar força. Nas investidas de crueldade de um tirano, é que o sábio encontrará o lugar fértil para demonstrar sua virtude.

Considerações finais

De acordo com o que foi exposto até então, é possível estabelecer algumas considerações finais que serão sintetizadas em dois momentos. No primeiro, ressaltar-se-á, mais especificamente, a relação de Boécio com a personagem alegórica: a Filosofia no DCP. No segundo, destacar-se-á a reflexão boeciana que relaciona a questão da virtude com a natureza racional humana.

I

A personagem alegórica, a Filosofia no DCP, possui um papel importante de despertar a consciência de Boécio. Por encontrar-se no cárcere e em um estado de letargia, o mesmo carece de algo que o faça mergulhar até o mais íntimo de si, a fim de recordar aquilo que realmente é por natureza. A Filosofia, ao colocar-se como musa consoladora do prisioneiro (Boécio), consegue, paulatinamente, apresentar através do diálogo com o pensador romano uma profunda reflexão sobre o que é o homem.

Como já dito anteriormente, é importante destacar que a ideia da personificação da Filosofia não é novidade na tradição filosófica, assim como a metáfora da Filosofia como médica. Nesse caso, parece evidente a influência da tradição filosófica em Boécio, que resgata, de maneira clara, Platão, Cícero e a tradição estoíca.

II

Apesar do livro I do DCP não ser considerado um tratado específico sobre a questão da virtude é possível mostrar como Boécio constrói neste livro uma relação estreita entre a vida virtuosa e a natureza humana racional, deixando clara a ideia de que o homem virtuoso é aquele que faz uso pleno de sua capacidade racional. Assim, é possível destacar que o homem com sua natural capacidade racional tem a

⁴⁴ BOÉCIO. A Consolação da Filosofia. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 43. DCP II, prosa 6. “...ita cruciatus, quos putabat tyrannus materiam crudelitatis, vir sapiens fecit esse virtutis”.

possibilidade de reconhecer qual é sua natureza, de onde as coisas vêm e para onde tendem. Desta forma, o homem pode se tornar um sábio por saber avaliar de maneira correta o fim de todas as coisas. Enfim, cabe lembrar, conforme já exposto, que a compreensão boeciana de que a virtude consiste em agir de acordo com a razão é uma ideia que remonta a tradição estoíca.

Referências

- BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
 _____. *La consolazione della filosofia*. Versão bilíngue latim-italiano. A cura di Claudio Moreschini. Torino: UTET libreria, 2006.
- COELHO, C. D. *A Filosofia como modo de vida: Boécio e seu De Consolatione Philosophiae*. 1 ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2011.
- COURCELLE, P.. Boezio. In: *Dizionario biografico degli italiani*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, vol. XI, pp. 142-165, 1969.
- GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HIRSCHBERGER, J. *Historia de la Filosofía*. Antigüedad, Edad Media, Renacimiento (Tomo I). 15 ed. Barcelona: herder, 1994.
- INWOOD, B. Stoicism. In: FURLEY, D. (Org.). *Routledge History of Philosophy* (vol. 2: From Aristotle to Augustine). London and New York: Routledge, pp. 222-252, 1999.
- MCMAHON, R. *Understanding the Medieval Meditative Ascent Augustine, Anselm, Boethius and Dante*. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 2006.
- MARENBO, J. *Boethius* (Great medieval thinkers). Oxford: Oxford University Press, 2003.
- O'DALY, G. *The Poetry of Boethius: Studies in the Consolation of Philosophy*. London: The University of North Carolina Press, 1991.
- PECORARI, F. A consolação da filosofia de Boécio: outra face da Idade Média? In: COSTA, Marcos Roberto Nunes e DE BONI, Luis Alberto (Orgs.). *A ética medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: Edipucrs, pp. 53-65, 2004.
- PIÑAN, A. C. Prologo. In: BOÉCIO. *La Consolacion de la Filosofia*. Buenos Aires: Aguilar, 1973.
- RODRIGUES, R. A. Severino Boécio e a invenção filosófica da dignidade humana. In: *Revista seara Filosófica* (Online), v. 5, pp. 3-20, 2012.
- RODRÍGUEZ, J. A. La Antropología de Boécio. In: *La ciudad de Dios – Revista Agustiniiana*, vol. CCVIII. El Escorial: Real Monasterio, pp. 225-263, 1995.
- SAVIAN FILHO, J. Boécio e a ética eudaimonista. In: *Cadernos de ética e Filosofia política* 7. São Paulo: Produção USP, pp. 109-127, 2005.
- _____. A busca de unidade interior. In: *Revista Cult: Edição 143*. São Paulo, p. 52-54, 2010.

Data de Submissão: 30/04/2015

Data de Aprovação: 18/07/2016

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.1	Julho 2016	p.68-81
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	---------